



CONSIDERAÇÕES ACERCA DO AMOR

Graça Castell

graca.castell@bol.com.br

Brasília-DF

2006



Graça Castell¹

graca.castell@bol.com.br

Resumo

Tal consideração acerca do amor trata-se de pequeno resumo da obra de S. Kierkegaard, intitulada “As obras do amor”. Este trabalho segue com rigor o pensamento do filósofo. Deste modo, houve o cuidado de tornar o mais fiel possível suas colocações acerca do amor e os possíveis enganos do homem com relação a tal sentimento. Nota-se também a filosofia que surge nas cercanias da mística que envolve o amor dos homens e entre os homens, os frutos do amor e o conhecimento verdadeiro do amor.

Palavras-Chave: Amor; Filosofia; Mística; Conhecimento; Homem.

Os Mistérios do Amor

"Cada árvore se reconhece pelo fruto que lhe é próprio; não se colhem figos de um espinheiro, nem se colhem uvas de sarças." ².

Se tivesse razão aquela sagacidade presunçosa, orgulhosa de não ser enganada, ao achar que não se deve crer em nada que não se possa ver com seus olhos sensíveis, então em primeiríssimo lugar dever-se-ia deixar de crer no amor. E se assim fosse feito, e isso por temor de ser enganado, não se estaria então sendo enganado? Pode-se ser enganado, afinal, de muitas maneiras; pode-se ser enganado ao acreditar no que não é verdadeiro, contudo também se é enganado ao não crer naquilo que é verdadeiro; pode-se ser enganado pela aparência ilusória, mas decerto a gente também se engana devido à sagaz ilusão, à lisonjeira presunção que se sabe totalmente protegida contra enganos. E qual engano será o mais perigoso? Qual a cura mais duvidosa será a do que não vê, ou daquele que vê e, contudo não vê? O que é mais difícil,

¹ Mestrado em Filosofia na USP/95 e Doutorado na USP/98, em Ciências Sociais.

² Lc 6; V 44.



despertar alguém que dorme, ou despertar alguém que acordado sonha que está acordado?

Qual a visão mais triste será aquela que imediata e incondicionalmente comove até as lágrimas, a visão de uma pessoa infeliz enganada no amor, ou será aquela que de certo modo poderia até provocar o riso, a visão do que se engana a si mesmo, cuja tola pretensão de não ser enganado talvez seja ridícula e até risível, caso o ridículo aqui não fosse uma expressão ainda mais forte para algo terrível, na medida em que exprime que este nem merece uma lágrima.

Enganar-se a si mesmo quanto ao amor, é o mais horrível, é uma perda eterna, para a qual não há reparação nem no tempo nem na eternidade. Pois nos outros casos, por mais diversos que sejam em que se fala do ser enganado no amor, o enganado se relaciona mesmo assim com o amor, e o engano consiste apenas em que o amor não estava onde se acreditava estar; aquele, porém, que se engana a si mesmo excluiu-se a si mesmo e excluiu-se do amor. Também se fala de alguém ser enganado pela vida ou na vida; mas para aquele que numa auto-ilusão enganou a si mesmo quanto à vida, a perda é irreparável.

Entretanto, mesmo aquele que ao longo de toda sua vida foi enganado pela vida, pode receber da eternidade uma copiosa reparação; mas o que se enganou a si mesmo impediu a si mesmo de conquistar o eterno. Aquele que exatamente por seu amor tornou-se uma vítima do engano humano, - oh, o que é mesmo que terá perdido, quando se mostrar na eternidade que o amor permanece, depois que cessou o engano! Aquele, porém, que - engenhosamente - enganou a si mesmo, caminhando sagazmente para a armadilha da sagacidade, ai, mesmo que durante toda a sua vida se considerasse feliz em sua ilusão, o que não terá ele perdido, quando na eternidade se mostrar que ele se enganou a si mesmo! Pois na temporalidade talvez um homem consiga prescindir do amor, talvez tenha êxito em evadir-se ao longo do tempo sem descobrir o auto-engano, talvez tenha sucesso no mais terrível, - numa ilusão, orgulhoso de - permanecer nela; mas na eternidade ele não pode prescindir do amor, e não pode deixar de



descobrir que pôs tudo a perder.

Portanto, onde a vida é tão séria, onde é tão terrível, senão justamente quando ela, punindo, permite ao voluntarioso fazer o que quiser, de modo que lhe permite ir vivendo, orgulhoso de ser enganado, até que um dia lhe permite reconhecer a verdade, de que se enganou a si mesmo eternamente! Verdadeiramente, a eternidade não deixa que escarneçam dela, antes é assim, que ela nem precisa usar do poder, mas poderosamente usa de um pouco de escárnio para punir de maneira terrível o temerário. Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou. Mas justamente porque o amor é assim o vínculo da eternidade, e justamente porque a temporalidade e a eternidade são de natureza diferente, justamente por isso o amor pode parecer um fardo para a sagacidade terrena da temporalidade, e por isso na temporalidade pode parecer ao homem sensual um imenso alívio lançar para longe de si este vínculo da eternidade.

O que se enganou a si mesmo crê, certamente, poder consolar-se, sim, até ter mais do que vencido; para ele se oculta, na presunção da tolice, o quão sem consolo é sua vida. Que ele "parou de se entristecer" não queremos negar-lhe; mas o que é que isso lhe adianta, se a salvação justamente consistiria em começar a entristecer-se seriamente sobre si mesmo! O que se enganou a si mesmo crê talvez até poder consolar outros que foram vítimas do engano da infidelidade; mas que loucura, se aquele que já sofreu dano no eterno quer curar aquele que no máximo está doente para a morte! O que se enganou a si mesmo crê talvez até, por força de uma estranha autocontradição, ser solidário com o infeliz que foi enganado. Mas se prestares atenção ao seu discurso consolador e à sua sabedoria curativa, vais reconhecer o amor nos frutos: no amargor do escárnio, na agudeza dos argumentos, no espírito envenenado da desconfiança, no frio mordente do endurecimento, ou seja, nos frutos se reconhece que aí não existe nenhum amor.



Nos frutos se reconhece a árvore; "acaso colhem-se uvas dos espinheiros ou figos dos cardos?"³. Se quiseres colhê-los lá, não apenas vais trabalhar em vão, mas os espinhos te mostrarão que colhes em vão. Pois cada árvore se reconhece por seu próprio fruto. Pode acontecer que haja dois frutos que se assemelham muito, um é saudável e saboroso, o outro amargo e venenoso; às vezes o venenoso também é delicioso, e o saudável tem um sabor um tanto amargo.

Contudo, assim também se conhece o amor no seu próprio fruto. Se nos enganamos, deve ser porque não conhecemos os frutos ou porque não sabemos julgar corretamente no caso particular. Como quando uma pessoa se equivoca e chama de amor o que propriamente é amor de si: quando solenemente assegura que não pode viver sem a pessoa amada, mas não quer ouvir falar de que a tarefa e a exigência do amor consistem em renunciar a si mesmo e abandonar este amor sensual de si mesmo. Ou quando uma pessoa se equivoca e chama pelo nome de amor àquilo que é débil condescendência, o que é podre lamentação, ou associação danosa, ou conduta vaidosa, ou ligações mórbidas, ou subornos da lisonja, ou aparências do instante, ou relações da temporalidade.

O Amor e o Conhecimento da Verdade

Existe, aliás, uma flor que se chama *flor da eternidade*, mas existe também, por estranho que pareça, uma assim chamada flor da eternidade que, tal como as flores perecíveis, floresce apenas em uma determinada época do ano; mas que erro, chamar de flor da eternidade a esta última! E, contudo, é tão enganadora no momento da floração. Mas cada árvore se conhece pelo seu fruto, e assim também o amor pelo seu próprio fruto, e o amor do qual fala o Cristianismo, por seu fruto próprio: pois que ele tem em si a verdade da eternidade! Todo outro amor; quer ele, falando humanamente, perca logo suas pétalas e se transforme, quer ele se conserve amorosamente nas estações da temporalidade: não deixa de ser efêmero, apenas

³ Mt 7, 16.



floresce. É isso justamente o frágil e o melancólico nele, quer floresça por uma hora, quer por setenta anos; mas o amor cristão é eterno. Por isso a ninguém ocorreria dizer do amor cristão que ele floresce; a nenhum poeta, caso ele se compreenda, ocorreria cantar este amor. Pois o que o poeta deve cantar tem de possuir a melancolia que é o enigma da sua própria vida: deve florescer - ai, e deve perecer. Mas o amor cristão permanece e justamente por isso ele é; porque o que perece floresce, e o que floresce perece, mas aquilo que é não pode ser cantado, deve ser crido e ser vivido.

Mas quando se diz que o amor é conhecido pelos frutos, diz-se ao mesmo tempo em que o próprio amor, num certo sentido, mora no oculto, e justamente por isso só se dá a conhecer nos frutos que o revelam. Este é justamente o caso. Toda e qualquer vida, e assim também a do amor é oculta enquanto tal, porém se revela em outra coisa. A vida da planta é oculta, o fruto é a revelação; a vida do pensamento é oculta, a expressão do discurso é o que a revela. As palavras sagradas que foram lidas acima falam, portanto de algo duplo, enquanto, porém só ocultamente falam de uma única coisa; no enunciado se revela contida uma única idéia, mas ao mesmo tempo se encontra oculta outra.

De onde vem o amor, onde está sua origem e sua fonte, onde é o lugar que constitui seu paradeiro, do qual ele provém?

Sim, este lugar é oculto ou está no oculto. Há um lugar assim no mais íntimo do homem, deste lugar procede a vida do amor, pois "do coração procede a vida". Mas não consegues ver este lugar; por mais que tu penetres, a origem se esquivava na distância e no ocultamento; mesmo quando tiveres penetrado no mais profundo, a origem parece estar sempre um pouco mais profunda, assim como a origem da fonte, que justamente quando estás mais próximo se afasta ao máximo. Deste lugar procede o amor, por múltiplos caminhos; mas por nenhum desses caminhos podes penetrar na sua gênese oculta. Como Deus mora numa luz da qual emana cada raio que ilumina o mundo, enquanto, porém ninguém pode penetrar por



esses caminhos para ver Deus, pois os caminhos da luz se transformam em escuridão quando a gente se volta contra a luz; assim também mora o amor no ocultamento, ou mora ocultamente no mais íntimo.

Pode-se dizer que, tal como o manancial da fonte atrai pela persuasão de seu murmúrio cantarolante, sim quase pede ao homem que vá por este caminho e não pretenda indiscretamente remontar para encontrar a sua origem e revelar o seu mistério; tal como os raios do sol convidam o homem a contemplar, com seu auxílio, a magnificência do mundo, mas advertindo castigam o temerário com a cegueira quando este se volta indiscretamente e atrevido para descobrir a origem da luz; tal como a fé, acenando, se oferece ao homem como companheiro de viagem no caminho da vida, mas petrifica o atrevido que se volta para compreender abusadamente; assim também é o desejo e o pedido do amor que a sua origem escondida e a sua vida oculta no mais íntimo permaneçam um segredo, que ninguém curiosa e abusadamente queira invadir importunando para ver o que afinal não pode ver, mas que com sua indiscrição bem pode pôr a perder da alegria e da bênção. É sempre o sofrimento mais doloroso quando o médico é obrigado a cortar e a avançar até as partes mais nobres e mais ocultas do corpo humano; assim também é o sofrimento mais doloroso e também o mais prejudicial quando alguém em vez de se alegrar com o amor em suas manifestações quer alegrar-se em esquadrihar o amor, quer dizer, perturbá-lo.

A vida oculta do amor está no mais íntimo, insondável, e aí então numa conexão insondável com toda a existência. Assim como o lago tranqüilo mergulha profundamente no manancial oculto, que nenhum olhar jamais viu, assim também se funda o amor de um homem, ainda mais profundamente, no amor de Deus. Se no fundo não houvesse um manancial, se Deus não fosse amor, então não existiria o pequeno lago, e absolutamente nenhum amor de um ser humano. Assim como o lago tranqüilo se funda obscuramente no manancial profundo, assim também se funda o amor humano misteriosamente no amor de Deus. Como o lago



tranquilo te convida a contemplá-lo, mas com seu reflexo da obscuridade te proíbe de escrutá-lo: assim também a origem misteriosa do amor no amor de Deus te proíbe de sondar o seu fundo; quando achas que o vê, é um reflexo que aí te engana, como se ele fosse o fundo, como se fosse o fundo aquilo que apenas oculta o fundo mais profundo. Assim como a engenhosa tampa do fundo falso, justamente para ocultar totalmente o esconderijo, aparenta ser o fundo, assim também aquilo que apenas oculta o mais profundo parece ser a profundidade do fundo.

É assim que se oculta à vida do amor; mas a sua vida oculta é em si mesmo movimento, e tem a eternidade em si. O lago tranquilo, apesar da superfície totalmente calma, a rigor é água corrente, pois afinal tem a fonte em seu fundo: assim também o amor, por mais calmo que esteja em seu ocultamento, é, contudo corrente. Mas o lago tranquilo pode secar se a fonte algum dia parar; a vida do amor, pelo contrário, tem uma fonte eterna. Esta vida é fresca e eterna: nenhum frio consegue congelá-la, para isso ela possui calor demais em si mesmo, e nenhum calor pode deixá-la lânguida, para isso ela tem vivacidade demais em seu frescor. Mas oculta ela o é; e quando no Evangelho se fala do conhecimento da verdade desta vida pelos frutos, o sentido disso tudo não é que se devesse inquietar e estorvar tal ocultamento, que se devesse dedicar-se à observação ou à introspecção descobridora, o que apenas "entristece o espírito" e atrasa o crescimento.

Esta vida oculta do amor, porém, é cognoscível pelos frutos, sim, e no amor existe uma necessidade de poder ser reconhecido nos frutos. E como é belo que o mesmo que designa o mais lastimável designe também a suprema riqueza! Pois necessidade, ter uma necessidade, e ser alguém carente - como aos homens desgosta que se diga isso deles! E, contudo dizemos o que há de mais alto, quando dizemos de um poeta que "ele tem necessidade de fazer poesia", do orador, que "falar é uma necessidade para ele", e da moça "que ela tem uma necessidade de amar". Ai, mesmo a pessoa mais carente que já viveu, se teve amor, quão rica não terá sido a sua vida em comparação com a daquele, que é o único miserável, - aquele que foi vivendo a



vida e jamais sentiu carência de nada! Pois afinal de contas esta é justamente a mais alta riqueza da moça, que ela careça do amado; esta é a mais alta e mais verdadeira riqueza do homem piedoso, que ele necessite de Deus. Interroga-os, pergunta à moça se ela poderia sentir-se tão feliz caso pudesse prescindir do seu amado; pergunta ao homem piedoso se ele compreenderia e desejaria poder igualmente prescindir de Deus!

Por isso, assim também ocorre com o conhecimento da verdade do amor pelos frutos: se a relação é a correta, diz-se, justamente, que eles têm necessidade de aparecer, com o que por sua vez se designa a riqueza. Aliás, teria de ser também a maior das torturas se efetivamente a situação fosse tal que no próprio amor residisse a autocontradição de que o amor exigisse manter ocultos os frutos, que exigisse torná-los irreconhecíveis. Seria a mesma coisa, como se à planta, percebendo em si a vida e a bênção de um copioso crescimento, não fosse permitido poder tornar isso manifesto, mas sim precisasse, como se a bênção fosse uma maldição, guardá-lo para si, ai, como um segredo em seu inexplicável murchar! Por isso as coisas não são de jeito nenhum assim. Pois mesmo se uma única determinada expressão de amor, ainda que permanecesse um botão – ficasse, por amor, reprimida em doloroso ocultamento: a mesma vida do amor haveria de inventar outra expressão, e assim fazer-se reconhecer em seus frutos. Ó, mártires silenciosos de um amor infeliz; decerto permaneceu um segredo o que vocês sofreram por precisarem, por amor, manter oculto um amor; isso jamais se tornou conhecido, tão grande foi justamente o amor de vocês, que fez este sacrifício: contudo o amor de vocês tornou-se conhecido pelos frutos! E talvez tenham sido esses frutos os mais preciosos, os que amadureceram no ardor silencioso de uma dor escondida.

A árvore é reconhecida pelos frutos; pois é claro que a árvore também se deixa reconhecer pelas folhas, o fruto, porém, é o sinal essencial. Por isso, se reconhecesses pelas folhas que uma árvore é tal ou qual, mas descobrisses na época dos frutos que ela não produz nenhum fruto: com isso reconhecerias que esta propriamente não era aquela árvore pela qual se



fazia passar graças às folhas. É justamente assim também o que se dá com o conhecimento da verdade do amor.

O Apóstolo João diz: "Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade." ⁴. E com que deveríamos melhor comparar este amor das palavras e das maneiras de falar, senão com as folhas das árvores; pois também a palavra e a expressão e as invenções da linguagem podem ser um sinal para o amor, mas um sinal incerto. A mesma palavra pode ser, na boca de alguém, tão rica de conteúdo, tão confiável, e na boca de outro ser como o murmúrio indeterminado das folhas; a mesma palavra pode, na boca de uma pessoa, ser como o "grão abençoado que nutre", e na de outra, como a beleza infecunda da folha. Não debes por causa disso, contudo, reter a palavra nem tampouco debes ocultar a emoção visível, quando ela é verdadeira; pois tal comportamento pode até significar cometer uma injustiça por desamor, como quando se recusa a alguém algo que lhe pertence.

Deste modo, seu amigo, tua amada, tua criança, ou qualquer pessoa que seja objeto de teu amor tem um direito a que tu o exprimas também com palavras, quando o amor te comove realmente em teu interior. A emoção não é propriedade tua, mas sim do outro, e sua expressão lhe cabe por direito, dado que na emoção tu pertences àquele que te comove, e te torna consciente de que pertences a essa pessoa. Quando o coração está repleto, não debes invejoso, altivo, prejudicando o outro, ofendê-lo pelo silêncio, com os lábios cerrados; deve deixar a boca falar da abundância do coração; não debes envergonhar-te de teu sentimento e ainda menos de dar com justiça a cada um, o que é seu. Mas amar não se deve com palavras e modos de falar, e não é por aí, de jeito nenhum, que se deve reconhecer o amor. Pelo contrário, deve-se antes reconhecer por tais frutos, isto é, pelo fato de que só existam folhas, que o amor não teve tempo de amadurecer.

O Sirácida diz, numa advertência: "não devores as tuas folhas, pois destruirás teus

⁴ 1 Jo 3, 18.



frutos e ficarás como uma árvore seca”⁵; pois é justamente pelas palavras e pelos modos de dizer, quando esse é o único fruto do amor, que se reconhece que alguém prematuramente arrancou suas folhas, de modo que não consegue mais nenhum fruto, para nem mencionar o mais terrível, que às vezes se reconhece pelas palavras e pelos tipos de discursos justamente o impostor. Portanto, a imaturidade e o falso amor se reconhecem pelo fato de que as palavras e os modos de falar são seus únicos frutos.

Os Frutos do Amor

Diz-se, em relação a certas plantas, que precisam "formar o coração"; assim também se tem de dizer do amor de uma pessoa: para que realmente produza fruto, e também seja reconhecível pelos frutos, primeiro tem de formar o coração. Pois decerto o amor provém do coração, mas não esqueçamos demasiado rápido este aspecto eterno, que o amor reforça o coração. Comoções fugazes de um coração indeterminado têm decerto qualquer homem, mas neste sentido ter um coração natural é infinitamente distinto de ter coração no sentido da eternidade. E o raro é talvez justamente isso, que o eterno adquira sobre um homem um poder tão grande que o amor se reforce eternamente nele ou forme um coração.

Esta é, porém a condição essencial para que se produza o fruto próprio do amor, no qual este se dá a conhecer. Pois assim como não se pode ver o amor como tal, e por isso mesmo se tem de crer nele, assim também ele não pode, de jeito nenhum, ser reconhecido incondicional e diretamente em nenhuma de suas manifestações como tais. – Não há nenhuma palavra em linguagem humana, nem uma única, nem a mais sagrada, sobre a qual pudéssemos dizer: quando um homem emprega esta palavra, fica com isso incondicionalmente provado que há amor nele. Pelo contrário, é inclusive assim, que uma palavra de alguém pode assegurar-nos de que há amor nele, e a palavra oposta de outro pode assegurar-nos de que também há amor neste outro; é assim que uma única e mesma palavra podem assegurar-nos que o amor reside

⁵ Sr 6, 3.



num que a pronunciou, e não no outro, que, contudo pronunciou a mesma palavra. - Não há nenhuma obra, nem uma única, nem a melhor, da qual ousássemos dizer: quem faz isso demonstra incondicionalmente com isso o amor.

Bem, tudo depende do como a obra é realizada. Há obras, aliás, que são chamadas de obras de amor – ou de caridade – num sentido especial. Mas em verdade, porque um dá esmolas, porque visita a viúva, veste o nu, seu amor ainda não está demonstrado ou reconhecido; pois se podem fazer obras de amor de maneira desamorosa, sim, até mesmo egoísta, e neste caso a obra de caridade não é uma obra do amor.

Certamente, já viste com freqüência uma coisa muito triste, talvez tu também às vezes te tenhas surpreendido - o que todo homem sincero bem pode confessar, exatamente porque ele não é desamoroso e bastante empedernido para deixar de perceber o essencial, - que a gente esqueça, pela coisa que se faz, de que maneira a gente o faz. Ai consta que Lutero disse que em nenhum momento de sua vida teria orado sem ser perturbado por algum pensamento que o distraísse; igualmente o homem sincero reconhece que ele, por mais que tenha dado esmolas e muitas vezes de boa vontade, até com alegria, jamais, entretanto terá dado sem alguma fraqueza, talvez perturbado por uma impressão casual, talvez com uma predileção fruto de um capricho, talvez para se livrar, talvez olhando para o lado, mas não no sentido bíblico; talvez sem que deixasse a mão esquerda saber o que ocorria - mas por irreflexão; talvez pensando na sua própria tristeza - mas não na do pobre; talvez procurando seu alívio no fato de dar uma esmola – em vez de querer aliviar a miséria: de modo que a obra de caridade não teria sido afinal no sentido mais alto uma obra do amor. - Portanto, de que maneira a palavra é dita, e, sobretudo de que maneira ela é pensada, a maneira como um ato é realizado: eis o decisivo para pelos frutos determinar e reconhecer o amor. Mas aqui vale ainda uma vez que não existe nenhum "de tal maneira", do qual se possa dizer incondicionalmente que ele demonstraria incondicionalmente a existência do amor, ou que ele demonstraria incondicionalmente sua



ausência.

E não obstante sabe-se que o amor se dá a conhecer por seus frutos. Mas aquelas santas palavras das Escrituras não foram escritas para nos estimular a ocupar zelosamente nosso tempo a julgar-nos uns aos outros; elas se dirigem, ao contrário, como uma exortação ao indivíduo – a ti, e a mim – para encorajá-lo a que não deixe infrutífero o amor, mas sim se aplique para que ele possa ser reconhecido pelos frutos, quer esses depois sejam ou não reconhecidos pelos demais. Pois o indivíduo não tem de se esforçar para que o amor venha a ser reconhecido pelos frutos, e sim para que ele o indivíduo – possa vir a ser reconhecido pelos frutos; procedendo assim, deve vigiar sobre si mesmo para que o reconhecimento do seu amor não se torne a seus olhos, mais importante que a única coisa realmente importante, a saber: que este último dê frutos, e por isso possa ser reconhecido.

Uma coisa, com efeito, é saber qual o conselho de prudência que se pode dar ao homem, que cuidado pode-se recomendar, a fim de ele não se deixar enganar por outro, - e outra coisa, e muito mais importante, é a exortação do Evangelho ao indivíduo, para que medite que é pelos frutos que se reconhece a árvore, e que é ele, ou o seu amor, que é comparado no Evangelho a esta árvore. No Evangelho também não está dito – como se formularia na linguagem da experiência humana: *Tu deves, ou deve-se reconhecer a árvore por seus frutos*, mas está dito: *A árvore será reconhecida por seus frutos*; cuja interpretação dá: *Tu que lê estas palavras, tu és a árvore*. Aquilo que o profeta Natã acrescentou à parábola, *Tu és o homem*, o Evangelho não precisa acrescentar, dado que isto já está implícito na forma do enunciado e no fato de que se trata de uma palavra do Evangelho. Pois a autoridade divina do Evangelho não fala a um homem sobre outro homem; ela não fala a ti, de mim, nem de ti para mim. Não! Quando o Evangelho fala, dirige-se ao indivíduo; não fala sobre nós, homens, de ti e de mim, mas fala a nós, a ti e a mim, e nos diz que o amor se reconhece por seus frutos.



Por isso, se alguém, por excentricidade e exaltação ou por hipocrisia, quisesse ensinar que o amor é um sentimento tão oculto que seria demasiado nobre para produzir frutos, ou ainda um sentimento tão misterioso que os frutos não provariam nem a favor nem contra, e mais, que os frutos venenosos também nada provariam: nós lembraríamos então da palavra do Evangelho: *Reconhece-se a árvore por seus frutos*. Nós queremos lembrar, não para atacar, mas para defender a nós mesmos contra tais coisas, que acerca deste ponto, como a respeito de qualquer outra palavra do Evangelho, vale o preceito segundo o qual *todo aquele que agir de acordo com isso será semelhante ao homem que constrói sobre um rochedo. Quando vier a tempestade, e destruir aquela nobre fragilidade do amor refinado; quando soprarem os ventos e derem contra o tear da hipocrisia: aí se reconhecerá o verdadeiro amor por seus frutos*.

Pois, verdadeiramente, o amor deve ser cognoscível por seus frutos, porém daí não se segue que devas assumir o papel do conhecedor; também a árvore deve ser cognoscível por seus frutos, porém daí certamente não se segue que caiba a uma árvore encarregar-se de julgar as outras, pelo contrário, é sempre cada árvore tomada individualmente que deve – ter frutos. Mas o homem não deve temer nem os que podem matar o corpo e muito menos o hipócrita. Só há um ser a quem um homem deve temer, é Deus; e só há um ser do qual o homem deve ter medo, é de si mesmo. Em verdade, jamais foi enganado por um hipócrita quem em temor e tremor diante da face de Deus temeu por si mesmo. Mas aquele que ocupa o seu tempo com a tarefa de rastrear os hipócritas, consiga ou não algum sucesso, examine-se para ver se isso não constitui também uma hipocrisia, pois descobertas dessa natureza dificilmente podem ser contadas como frutos do amor. Em compensação, aquele cujo amor traz em verdade os seus próprios frutos, há de desmascarar, mesmo sem pretender e sem procurar, qualquer hipócrita que se aproxime dele ou, pelo menos, o fará envergonhar-se, porém o que ama talvez nem esteja consciente disto. A mais medíocre de todas as defesas contra a hipocrisia é a sagacidade, ela quase não protege, antes constitui uma perigosa proximidade; a melhor de todas as defesas



contra a hipocrisia é o amor, sim, este, além de ser uma defesa, é um abismo escancarado, desde toda eternidade ele nada tem a ver com a hipocrisia. Aí temos mais um fruto pelo qual se reconhece o amor: ele preserva o amoroso de cair nas ciladas do hipócrita.

Mas, muito embora de fato se reconheça o amor por seus frutos, não vamos, em cada relação de amor recíproco, por impaciência, desconfiança ou atitude julgadora, exigir continuamente ver os frutos. O primeiro ponto que desenvolvemos neste discurso foi precisamente que é necessário crer no amor, senão nem se perceberá que ele está presente; mas agora nosso discurso volta novamente ao seu ponto de partida, e repete: crê no amor! Esta é a primeira e a última coisa que se tem de dizer sobre o amor, quando se deve reconhecê-lo; mas da primeira vez isso foi dito em oposição ao racionalismo insolente, que tenta negar pura e simplesmente a existência do amor; agora, ao contrário, que já analisamos a possibilidade de reconhecer o amor por seus frutos, isso é dito contra a estreiteza de coração, mórbida, ansiosa e avarenta que, em desconfiança mesquinha e medíocre, exige ver os frutos. Não esqueças: já seria de resto um fruto belo, nobre, sagrado, no qual o amor em ti se daria a conhecer, se tu, a respeito de outro ser humano cujo amor talvez dê frutos menos valiosos, tivesses amor suficiente para vê-los mais belos do que são. Se a desconfiança pode perceber uma coisa como menor do que é, também o amor pode ver algo como maior do que ele é. – Não esqueças que, mesmo quando te alegras dos frutos do amor pelos quais reconheces que ele reside neste outro ser humano, não esqueças que crer no amor constitui uma felicidade ainda maior.

Por fim, é justamente isto que representa uma nova expressão da profundidade do amor: depois que se aprendeu a reconhecê-lo por seus frutos, que então novamente se retorne ao princípio e se retorne a ele como àquilo que há de mais elevado, ao crer no amor. Pois é verdade que a vida do amor é cognoscível em seus frutos, os quais o manifestam, mas a vida, ela mesma, é mais do que os frutos particulares e mais do que todos os frutos tomados em conjunto, se te fosse possível enumerá-los num só instante. O sinal definitivo, o mais feliz, e



incontestavelmente convincente do amor é, pois: o próprio amor, tal como é conhecido e reconhecido pelo amor em outra pessoa. O semelhante só é conhecido pelo semelhante; só aquele que permanece no amor pode conhecer o amor do mesmo modo como seu amor deve ser conhecido.



REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KJERLIGHEDENS GJERNINGER/SAMLEDE VÆRKER, *Nogle christlige Overveielser i Talers*. Trad: VALLS, Alvaro L. M. Bind 12: 2003. Primeira série.

KIERKEGAARD, S. *Nogle christlige Overveielser i Talers*. Første Følge: 1847.